

A Pesquisa Sobre História da América nas Universidades Paulistas: um Esboço da sua Trajetória.

José Luis Bendicho Beired* (UNESP-Assis)

Nas últimas décadas, diversos campos do conhecimento histórico têm se desenvolvido notavelmente na universidade brasileira, em torno das mais diferentes épocas, temáticas e lugares. A história do Brasil tem sido o foco natural da atenção da maioria dos estudos, sem impedir, no entanto, que uma variada gama de pesquisas tenha se voltado para outros espaços, abordando temporalidades que vão da antiguidade clássica à época contemporânea.

Neste trabalho, vamos centrar o foco na área de História da América, de modo a explicar o seu desenvolvimento no Estado de São Paulo, por meio da análise das teses e dissertações universitárias. As universidades pesquisadas foram a USP, UNESP, UNICAMP e PUC-SP, por serem as únicas do Estado de São Paulo a contarem com programas de pós-graduação *stritu sensu* em História. Além das teses e dissertações defendidas, também incluímos as teses de livre-docência, apresentadas nas universidades públicas como parte da progressão da carreira universitária.

Desde o início, nosso objetivo consistiu em dar conta tanto dos aspectos quantitativos como qualitativos da produção sobre História da América. Buscamos não apenas aquilatar o seu volume, a vinculação institucional, as temáticas, os períodos e os países, entre outros aspectos, mas também avançar em direção a uma análise qualitativa que permitisse compreender tal produção à luz das transformações da historiografia das últimas décadas. Apesar do nosso conhecimento prévio sobre diversos trabalhos da área de América defendidos nas universidades paulistas, não o consideramos suficiente para avalizar uma análise ampla e segura dessa produção. Diante da quantidade relativamente elevada de cursos de pós-

* Docente do Departamento de História da UNESP-Assis. Endereço eletrônico: jbbeired@assis.unesp.br

graduação, e cientes da dificuldade em pesquisar todo o repertório de teses e dissertações, optamos por restringir-nos unicamente aos programas de História e às teses de livre-docência de professores dos Departamentos de História. Por outro lado, em vista da inexistência de quaisquer outros estudos sobre o tema, e para podermos refletir sobre uma base consistente de dados, decidimos levantar todas as teses e dissertações defendidas nesses programas ¹. Também optamos por incluir os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Programa em Integração da América Latina da USP (PROLAM), tomando o cuidado de apenas considerar os trabalhos que satisfizessem duas condições básicas: possuir uma abordagem de natureza histórica e terem sido orientados por historiadores.

O levantamento dos trabalhos da área de América surpreendeu-nos pela sua amplitude numérica e temática. Entre 1942, ano dos primeiros trabalhos defendidos na USP, e o final de 2004, foram produzidas 179 pesquisas nas universidades paulistas, sendo 99 de mestrado, 68 de doutorado, 9 sob a forma de tese de livre-docência e três a para obtenção do título de Professor Catedrático. Esses trabalhos encontram-se distribuídos como segue entre as três universidades: 129 na USP, 28 na UNESP, 13 na UNICAMP e 9 na PUC-SP².

Na USP, o antigo regime de pós-graduação de História foi reformulado em 1971, mediante adequação às diretrizes da CAPES, originando dois programas de Pós-Graduação na FFLCH: História Social e História Econômica. Sob os dois regimes, ao longo do tempo, foram defendidas 109 teses e dissertações de América, sendo 14 no regime antigo, 69 em História Social e 26 em História Econômica, às quais se somam 11 mestrados realizados no âmbito do PROLAM. Quanto à UNESP, ela abriga dois programas de pós-graduação, nos *campi* das

¹ Agradeço aos colegas Carlos Alberto Sampaio Barbosa e Maria Aparecida de Souza Lopes, e a Raphael Nunes Nicoletti Sebrian, pela inestimável ajuda no levantamento de trabalhos junto à PUC-SP, UNESP-Franca e UNICAMP. Para a confecção das planilhas e gráficos utilizados na exposição, foi inestimável a ajuda de Cláudia E.P. Marques Martinez.

² A dinâmica do desenvolvimento da área pode ser apreciada pelo volume de trabalhos produzidos nos sucessivos quinquênios: 3 (1940 – 1944); 2 (1945 – 1949); 1 (1960 – 1964); 5 (1965 – 1969); 10 (1970 – 1974); 5 (1975 – 1979); 7 (1980 – 1984) ; 8 (1985 – 1989); 28 (1990 – 1994); 51 (1995 – 1999) e 61 (2000 – 2004). Depois de poucos trabalhos nos anos quarenta, a produção elevou-se nos anos 60 centrada em História Econômica, para declinar no final dos setenta. Na segunda metade dos anos 80 evidencia-se uma forte retomada e o crescimento do volume até os dias correntes.

idades de Franca e Assis, com uma produção de 18 e 8 trabalhos respectivamente, entre mestrados e doutorados³. Quanto à UNICAMP e à PUC-SP, cada uma possui um único programa de pós-graduação em História, com 13 e 9 trabalhos defendidos. Consideramos que a desigualdade dessa distribuição reflete várias coisas: não apenas a maior antiguidade da pós-graduação da USP em relação às demais, mas também seu maior número de docentes e de programas, quando não sua função de geradora de quadros para as outras universidades do Estado, papel que, se já foi maior no passado, parece ainda não ter se esgotado.

O levantamento dos países estudados sugere bastante interesse por alguns países vizinhos do Brasil – sobretudo a Argentina, com 36 trabalhos, Peru (20), e Paraguai (14) – e por outros mais distantes, tais como México (32), Estados Unidos (23) e Cuba (14). A frequência de pesquisas sobre outros países apresenta-se da seguinte forma: Chile (9), Espanha (9), Uruguai (6), Bolívia (5), Colômbia (3), Mercosul (2), Porto Rico, Panamá e Venezuela (1). Um conjunto de trabalhos se destaca pela utilização da comparação ou pela articulação da história brasileira à de outro(s) país(es), perfazendo um total de 47 trabalhos, o que é deveras importante para a compreensão do Brasil na América. Além disso, contabilizamos um número significativo de estudos com uma abordagem geograficamente ampla, lidando com vários países, ou cujo objeto não era pertinente a um país ou uma região em particular, mas, por exemplo, à história da vida e da obra de personagens históricos. Porque uns países tem tido maior interesse do que outros? Como explicar o pouco interesse pela Colômbia, Venezuela e Uruguai, quando não o total desinteresse pelos países centro-americanos e caribenhos? Uma reflexão mais detida que não temos condições de oferecer, deveria incluir além da variável proximidade geográfica, a existência de fenômenos históricos que vinculem o Brasil a outras regiões e países, tanto no passado quanto no presente, quando

³ Em cada um dos Departamentos de História de Assis e Franca foram apresentadas duas teses de livre-docência, perfazendo 28 trabalhos na UNESP.

não a disponibilidade de materiais bibliográficos e documentais no Brasil, além dos interesses e especialidades dos orientadores.

Quanto aos períodos abordados, constatamos a preponderância da época contemporânea – ou seja, a história a partir das independências políticas –, com 130 trabalhos, seguida da época colonial, com 44. Seguem-se apenas dois trabalhos que articulam época colonial e pré-colombiana e por outros dois que fazem uma abordagem da época colonial e contemporânea. Entretanto, deve-se observar que a visão estática dos números citados sugere, no mínimo, uma perspectiva limitada que deve ser articulada a uma análise dinâmica dos dados. Por exemplo, o acompanhamento dos títulos ao longo das décadas mostra que houve um deslocamento do interesse da época colonial para a contemporânea, aspecto que aprofundaremos mais adiante.

A definição da natureza do tema de uma obra nem sempre é passível de consenso. De qualquer forma estabelecemos uma classificação dos temas pesquisados nos trabalhos que revela uma concentração de interesses em três vertentes: política (56), economia (39), e cultura (38). Seguem-se os temas de história social (10), de relações internacionais (9), das idéias (7), das religiões (7), da ciência (3), do cotidiano (2) e da educação (2).

Uma análise qualitativa do nosso objeto deve necessariamente considerar a história dos Cursos em que as pesquisas foram desenvolvidas, o que implica tanto o exame das gerações de professores quanto da historiografia e do contexto sócio-político do Brasil e América Latina. A USP concentrou as teses e dissertações da área de História na década de 1940 até meados de 1980, quando começaram a ser defendidos os primeiros trabalhos dos novos cursos de pós-graduação da UNESP, UNICAMP e PUC-SP⁴. As primeiras teses de História da América derivaram a orientação do Dr. Jean Gagé, professor que orientou a maioria das teses da década de 1940, evidenciando a marca francesa da criação da Faculdade de Filosofia em

⁴ Desde a sua fundação, até as primeiras defesas de dissertações da UNESP, UNICAMP e PUC-SP, a USP respondeu por 11 teses e dissertações da área de América, junto à Faculdade de Filosofia, ou seja, um número diminuto em relação à área de Brasil.

termos da preocupação com orientação metodológica e com o rigor da análise documental. A influência dos temas da historiografia francesa, em especial dos *Annales*, foi então determinante, estendendo-se pelos anos seguintes. Nos anos 40 foram produzidas três teses que refletiam o interesse pelo mundo ibérico e a expansão colonial: *O comércio no Rio da Prata – 1580 – 1640*, de Alice Canabrava (1942), *A política colonial de Espanha através das encomiendas*, de Astrogildo Rodrigues de Mello (1942) e *A penetração comercial da Inglaterra na América Espanhola. 1713 – 1783*, de Olga Pantaleão (1944) ⁵.

No entanto, essas pesquisas figuraram solitariamente por vários anos no ambiente acadêmico, pois apenas na década de 1960 outros trabalhos da área de América começaram a ser defendidos na Faculdade de Filosofia. Em 1961, um doutoramento sob a orientação de Sergio Buarque de Hollanda, intitulada *A imigração norte-americana para o Brasil após a Guerra Civil*, de autoria de Frank Goldman, dava início à retomada das teses de América. Nos anos seguintes, até o final da década de 1970, a maior parte das teses e dissertações versou sobre História Econômica, com temáticas predominantemente voltadas para o comércio colonial, em sua maior parte sob a orientação de Manuel Nunes Dias. O predomínio dos temas econômicos se fez notar em toda a produção histórica da época, não só na USP, mas também nas universidades do Rio de Janeiro, declinando rapidamente no início dos anos oitenta. Segundo José Roberto do Amaral Lapa⁶, a evolução do índice dos trabalhos de história econômica na USP seguiu a seguinte trajetória: 40 % entre 1973 e 1978; 44 % entre 1979 e 1982; e 20 % entre 1983 e 1985 ⁷. Quer mediante métodos quantitativos e seriais, quer através de um enfoque marxista, considerava-se que a esfera econômica era a chave principal tanto

⁵ Ainda que fora do nosso critério, citamos a tese para concurso de cátedra de Alice Canabrava para a cadeira de História da Faculdade de Economia da USP, intitulada *A indústria do açúcar nas ilhas inglesas e francesas do mar das Antilhas* (1946), em vista da relevância dessa docente para o desenvolvimento das pesquisas futuras da área de História Econômica.

⁶ José Roberto do Amaral Lapa. *Historiografia brasileira contemporânea*, Petrópolis, Vozes, 1976, p. 89.

⁷ A mesma medição realizada na UFRJ e UFF indica uma queda ainda mais abrupta. De 60% de trabalhos defendidos em história econômica no início da década de 1980, passou-se para aproximadamente 24% no final dessa década e para apenas 15 % no início da década de 1990. João Fragoso & Manolo Florentino. "História Econômica", in CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*, RJ, Campus, 1997, p. 28 – 29.

para o conhecimentos das demais dimensões da realidade quanto para descortinar certos problemas do presente, tais como a dependência, o subdesenvolvimento e a desigualdade social. Naquele contexto, o conceito de modo de produção teve um papel central, oferecendo uma chave interpretativa globalizante e estrutural capaz de explicar não só o nível econômico, mas também o social, o político e o cultural⁸.

A tendência da produção de História de América dos anos 70 apenas passaria por uma mudança significativa no final da década de 1980, depois de um hiato de quase dez anos, em que pouquíssimos trabalhos foram defendidos na USP⁹. A partir de fins da década de 1970 e durante os anos 80, a historiografia passou por mudanças que refletiam tanto o diálogo com as tendências do marxismo britânico quanto com a terceira geração dos *Annales*, promovendo a renovação dos campos temáticos, conceitual e metodológico. Além disso, também não é possível compreender esse processo sem levar em conta as transformações da realidade brasileira naquele contexto, mediante o questionamento do autoritarismo político e das injustiças sociais, acompanhadas pela ampla organização da sociedade civil. Ou seja, consideramos que os novos problemas colocados pela realidade nacional implicaram na retomada daqueles fenômenos históricos críticos ao *status quo*. Tais mudanças, ao redefinirem o olhar dos historiadores em relação ao passado, geraram uma verdadeira inflexão na produção historiográfica nacional, repercutindo na emergência de novos objetos, problemas e abordagens, sobretudo voltados para a história política e social¹⁰.

Apenas a partir de fins dos anos 80, com a defesa de um maior volume de trabalhos, é possível divisar o ressurgimento de uma significativa produção em História da América, a qual nos anos seguintes foi se consolidando e se ampliando mediante o ingresso na pós-graduação de novos docentes especializados na área. Na USP, a orientação em América ganhou volume

⁸ Sobre a evolução da historiografia brasileira nas últimas décadas, ver a análise que desenvolvemos em: José Ribeiro Jr. et alii. *História do Vestibular da UNESP (1990 – 2000)*, São Paulo, Fundação VUNESP, 2002, p. 29 – 40.

⁹ Caberia investigar, por exemplo, a relação entre a crise da História Econômica e o declínio das pesquisas de América na USP, o que não temos condições de aqui explorar.

¹⁰ O programa de pós-Graduação da Unicamp, por exemplo, foi constituído em fins dos 70, exatamente com o objetivo de examinar a história a partir dos setores subalternos, com ênfase no mundo do trabalho.

com o ingresso de Maria Ligia Prado, Maria Helena Capelato e Janice Theodoro da Silva no programa de pós-graduação em História Social e Werner Altman em História Econômica. Paralelamente, foram criados programas de pós-graduação na PUC-SP e nos campus de Assis e Franca da UNESP, os quais, junto com a UNICAMP, contribuíram nos anos seguintes para adensar a produção de teses e dissertações e consolidar essa área de pesquisa. Nesses anos e no início dos anos 90, os temas políticos e culturais mostram-se predominantes.

Embora o desenvolvimento das pesquisas de América tenha estado articulado a um movimento mais amplo de aperfeiçoamento da pós-graduação, acreditamos que sem as iniciativas individuais e de pequenos grupos de interessados que atuaram publicando, orientando e estimulando novas gerações, a área não teria contado com um progresso tão notável. Consideramos da maior relevância uma iniciativa levada a efeito no curso de História da USP em 1982, quando a professora Maria Ligia Prado e alguns dos seus alunos de graduação criaram uma associação que visava pesquisar e divulgar a história latino-americana. Sob a coordenação dessa professora, o grupo dedicou-se com entusiasmo à organização de grupos de estudos, à realização de pesquisas e à promoção de eventos na FFLCH da USP, os quais atraíram grande público, a demonstrar o crescente interesse tanto pelos temas históricos quanto pela conjuntura latino-americana. Como resultado de tais atividades alguns livros foram publicados na Coleção Tudo é História, da Editora Brasiliense, e diversos alunos continuaram seus estudos e fizeram carreira acadêmica na área de América. Outro exemplo, nos anos 70 e 80, Anna Maria Martinez Correa e Manoel Lelo Bellotto, da Unesp-Assis, publicaram livros que foram e continuam sendo importantes para as pesquisas e o ensino¹¹. Além disso, ambos participaram da implantação de um programa de pós-graduação naquela faculdade, cujo eixo era a história latino-americana.

¹¹ Os dois professores publicaram conjuntamente: *A América Latina de colonização espanhola. Antologia de textos históricos*, São Paulo, Edusp/Hucitec, 1979; *José Carlos Mariátegui: Política*, São Paulo, Ática, 1982; *Simon Bolívar: política*, São Paulo, Ática, 1983; *Escritos Políticos/San Martín*, Petrópolis, Vozes, 1990.

A produção da década de 1990 e dos primeiros anos deste século apresenta um conjunto de traços e condicionantes que podem ser estendidos à área de História como um todo no Brasil e no Estado de São Paulo: crescimento quantitativo de teses e dissertações em decorrência da formação de novos orientadores e do crescimento do sistema de pós-graduação; incremento das abordagens culturais ao lado da crise da história das mentalidades; persistência do interesse pela história política; declínio dos estudos de história econômica e social; atualização e diversificação temática, teórica e metodológica¹². Certas dimensões da realidade ganharam destaque: o imaginário, a experiência dos agentes, a vida cotidiana e a liberdade dos sujeitos históricos em relação a condicionantes estruturais. Por sua vez, paralelamente à expansão das fronteiras do conhecimento histórico, os objetos se multiplicaram na área de América, como revelam os estudos sobre propaganda política, imprensa, leitura, literatura, fotografia, livros didáticos, mulheres, cinema, rádio, música, cidades, demografia e representações do mundo colonial e pré-colombiano, entre outros.

Atualmente, a área de América apresenta-se como uma das mais dinâmicas do campo historiográfico paulista, por intermédio de uma gama de intervenções que passam pelo ensino de graduação e de pós-graduação, pela união de esforços acadêmicos, pela participação em eventos e pela publicação das pesquisas. O conjunto de trabalhos já produzidos nas universidades paulistas e o crescimento da produção sobre América nos vários cursos de pós-graduação, são o resultado da somatória de esforços individuais e coletivos que permitiram a consolidação e o reconhecimento acadêmico de uma área que não faz muitos anos, ninguém suspeitaria que pudesse adquirir o vigor atual. Chegamos ao término desta reflexão, certos de que a pesquisa sobre história da América, apesar dos seus percalços e descontinuidades, constituiu uma experiência histórica rica e feliz, da qual só podemos esperar os melhores frutos no porvir.

¹² Para uma visão dos historiadores paulistas ver Marcos César Freitas (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo, Contexto, 1998.